

# Uma Análise dos Efeitos da Rotina de Atividades em Sala de Aula nos Níveis de Autoagressão e Engajamento para uma Criança com Autismo Grave

An Examination of the Effects of a Classroom Activity Schedule on Levels of Self-Injury and Engagement for a Child with Severe Autism

*Journal of Autism and Developmental Disorders, Vol. 35, No. 3, June 2005*

Mark O'Reilly

Jeff Sigafos

Giulio Lancioni

Chaturi Edrisinha

Alonzo Andrews

Resumo e Comentário por Mariana Serrajordia Lopes e Rebeca Costa e Silva

A presença de comportamentos-problema em crianças com comprometimentos graves, como o autismo, por exemplo, é bem frequente. Dependendo da intensidade com que se apresentam, esses comportamentos põem em risco a saúde e o desempenho acadêmico e social dessas crianças.

O Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e com Distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACCH *Treatment and Education For Autistic Children and related Communication handicapped Children*) é uma estratégia para abordar os comportamentos-problema através de rotinas individualizadas e previsíveis. Há uma limitação, porém, no uso de tais rotinas: nem todas as crianças com autismo conseguem compreendê-las e segui-las. Para isto, é necessário o uso da metodologia de análise funcional análoga ou experimental.

## Análise Funcional Experimental

*É um instrumento de avaliação que vem sendo usado para determinar consequências ambientais que mantêm comportamentos-problema. Envolve a exposição repetida e sistemática da criança à quatro condições que podem manter um comportamento (receber atenção, obter/pedir, brincar [ou autoestimular-se] e estar só [ou fugir/escapar de situações]). Além de identificar contingências que mantêm comportamentos (relações de dependência entre eventos), as análises funcionais experimentais podem fornecer informações importantes, tais como aquelas situações sociais dentro das quais **não** são observados comportamentos-problema.*

Por exemplo:

*Uma criança com autismo se autoagride quando é solicitada para fazer uma tarefa difícil. Já a mesma criança não se autoagride quando vai brincar. Isto fornece dois conjuntos de informações?*

- *Possivelmente na primeira situação o autoagredir-se tem como função fugir da tarefa, e por sua vez implicaria em reconsiderar a estrutura, organização, duração, etc., da mesma.*
- *Na segunda situação, como aquele comportamento não ocorre durante o brincar, pode-se considerar incluir essa atividade cuidadosamente na rotina, de forma a distribuir melhor a demanda sobre a criança.*

O objetivo deste estudo foi utilizar os resultados da análise funcional experimental para elaborar uma rotina individualizada para um menino com autismo grave que apresentava comportamento de autoagressão, para verificar os efeitos de tal rotina nos níveis de engajamento e comportamento-problema no contexto escolar do menino.

Brendan tinha 12 anos de idade, foi diagnosticado com autismo severo e tinha comprometimentos cognitivos (com funcionamento no nível de dois anos). Ele não era verbal e se autoagredia desde cedo (ele se batia nas faces ou na testa). E segundo algumas *observações informais*, episódios de autoagressão duravam de minutos até horas.

O procedimento da análise funcional dividiu-se em três Fases:

- I. A autoagressão de Brendan foi examinada sob quatro condições sociais.
  - a. *Atenção: foi avaliado se a autoagressão era sensível ao reforçamento positivo **[1]** apresentado com a atenção dos outros;*
  - b. *Sem interação: o terapeuta não interagiu com Brendan independentemente de seu comportamento, portanto esta condição avaliou se o comportamento dele se apresentava independentemente das consequências sociais;*
  - c. *Demanda: foi avaliado se o comportamento de autoagressão era sensível a fuga de tarefas;*
  - d. *Brincar: foi usada como controle em relação às outras condições, pois não havia demandas e sim atenção social.*
- II. *A autoagressão de Brendan foi examinada sob as condições de demanda e brincar.*
- III. *A sequência das condições foi implantada (demanda?sem interação?brincar?demanda) conforme o resultado das Fases I e II.*

Resultados e Discussão:

Fase I: Observou-se que a autoagressão foi apresentada com mais intensidade durante as demandas acadêmicas, não ocorreu na condição de atenção, raramente durante o brincar e na condição sem interação seguida da demanda o comportamento se prolongava sobre esta condição. Então se percebe que o comportamento de autoagressão não tinha função de adquirir atenção e Brendan estava confortável durante a interação com pessoas nas atividades lúdicas.

Fase II: As condições de demanda e de brincar ocorreram entremeadas, sendo a hipótese de que assim seria reduzida a ocorrência de comportamento de autoagressão. Essa hipótese não foi confirmada e isso pode ser explicado pelo fato de que Brendan não

tenha percebido a transição de demanda para lazer, pois ambos envolviam contato físico e social com o terapeuta.

Fase III: Decidiu-se fazer a seguinte sequência com Brendan: **demanda** (cinco minutos)**sem interação** (remoção de todas as atividades/tarefas; optou-se por colocar a condição sem interação para que ele percebesse de uma forma mais nítida que a demanda tinha sido encerrada)**brincar demanda**. Nessa fase Brendan não apresentou nenhum comportamento de autoagressão.

Para verificar um pouco mais a fundo o efeito da rotina, foi realizada uma segunda etapa na pesquisa envolvendo a condição Sem Rotina (semelhante à Fase II) e Rotina (igual à Fase III, sabendo-se que cada condição durava cinco minutos). Foram observados altos níveis de autoagressão na primeira condição e níveis bem baixos na segunda condição.

A rotina de Brendan foi modificada com base nos resultados da avaliação funcional realizada. Com esta nova rotina, o comportamento de autoagressão foi reduzido e houve um aumento no engajamento de Brendan em suas atividades acadêmicas. Foi feito um acompanhamento pelos próximos cinco meses após o estudo.

Este estudo, embora com apenas um sujeito/participante, já pode nos mostrar, ao menos de relance, a importância da rotina individual sempre levando em consideração as preferências, vantagens e deficiências da criança com autismo. E embora pareça ser simples no sentido em que processamos normalmente a palavra rotina, a mesma, bem-estruturada e adequada impacta positiva e diretamente na vida da criança com autismo, pois a rotina vem acompanhada de previsibilidade e segurança. Ausência ou deficiência desses aspectos na vida de crianças com autismo, em sua maioria, acarretará em ocorrências de comportamentos-problema.

---

[1] Para a Análise do Comportamento é um estímulo que segue uma resposta [ação], que torna mais provável que o indivíduo que emitiu tal resposta a emita de novo, visto que ao emitir essa resposta, algo é acrescentado no ambiente do indivíduo e que tenha efeito sobre ele.